



As informações sobre abundância populacional são: 31 ind/km² PARNA Yasuni - Equador⁷⁵⁰.
Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças identificadas para o táxon foram: aumento da matriz rodoviária e caça. O táxon sofre com intensa caça, principalmente devido ao seu tamanho corporal¹⁷²⁶. O impacto da caça tem aumentado em terras indígenas, onde o uso de armas de fogo e o acesso às áreas mais remotas é cada vez maior. No Acre, a ampliação da matriz rodoviária é também um dos principais fatores de ameaça.

Ações de conservação

A espécie está listada no Apêndice II da CITES e inserida no Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Primatas Amazônicos^{990b}.

Presença em unidades de conservação

Acre: PARNA Serra do Divisor^{344,1218,1978};

Amazonas: ESEC Jutai -Solimões^{1978,2204}, ARIE Javari-Burití²²⁰⁴, RDS do Cujubim (dado não publicado).

Callithrix aurita (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812)

Fabiano Rodrigues de Melo, Daniel da Silva Ferraz, Mônica Mafra Valença-Montenegro, Leonardo de Carvalho Oliveira, Daniel Gomes Pereira & Marcio Port-Carvalho

Ordem: Primates

Família: Callitrichidae

Nomes comuns: sagui-da-serra-escuro,
sagui-caveirinha

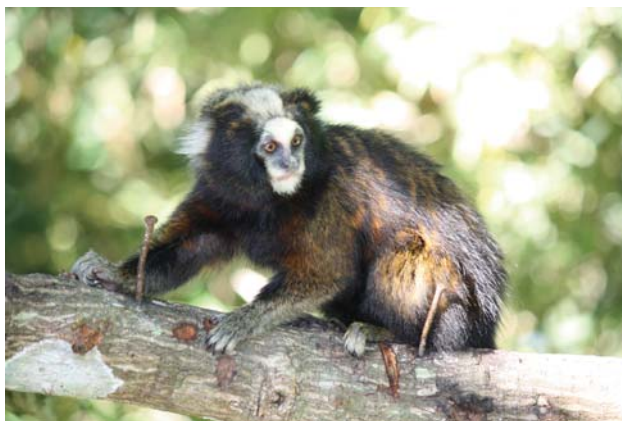


Foto: Rodrigo Salles de Carvalho

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) A3ce+4ce

Justificativa

Callithrix aurita é endêmica à Mata Atlântica do sudeste do Brasil, com distribuição concentrada na Serra do Mar e entorno. Infere-se que a espécie está sofrendo uma redução populacional de pelo menos 50% em um intervalo de 18 anos ou três gerações devido à perda e fragmentação de *habitat* e principalmente à competição e hibridação com espécies invasoras, que estão ampliando sua distribuição. Sendo assim, a espécie foi categorizada como Em Perigo (EN), pelos critérios A3ce+4ce.



Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{1363,1450}	VU C2a(i)
Justificativa para mudança de categoria	Mudança genuína no estado de conservação e novas ou melhores informações disponíveis
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{176,684,686}	Minas Gerais: EN Rio de Janeiro: VU São Paulo: Ameaçada
Avaliação global ¹⁹⁸⁵	VU C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Simia aurita Humboldt, 1812²⁴⁰²; *Jacchus auritus* E. Geoffroy, 1812; *Hapale auritus* Kuhl, 1820²⁴⁰²; *Hapales auritus* Jardine, 1833²⁴⁰²; *Hapale aurita* Wagner, 1840²⁴⁰²; *Callithrix auritus*, Trouessart, 1904²⁴⁰²; *Callithrix aurita aurita* Moojen, 1950²⁴⁰²; *Callithrix aurita caelestis* Moojen, 1950²⁴⁰²; *Callithrix aurita caelestis* Cabrera, 1958²⁴⁰²; *Hapale caelestis* Miranda Ribeiro, 1924; *Hapale petronius* Miranda Ribeiro, 1924; *Hapale caelestis itatiayae* Ávila-Pires, 1959⁸⁷⁸; *Callithrix jacchus aurita* Hershkovitz 1968²⁴⁰²; *Callithrix aurita petronius* Mittermeier & Coimbra-Filho, 1981²⁴⁰².

Notas taxonômicas

As formas de saguis do litoral brasileiro (*Callithrix penicillata* É. Geoffroy, 1812, *C. geoffroyi* É. Geoffroy em Humboldt, 1812, *C. aurita* É. Geoffroy em Humboldt, 1812, e *C. flaviceps* Thomas, 1903) pertenciam ao grupo *jacchus* e eram consideradas subespécies de *Callithrix jacchus*⁹¹⁹. Atualmente todas são reconhecidas como espécies plenas^{463,476,1287,1439}. Coimbra-Filho^{477,478,480,481} argumentou que a semelhança de *C. aurita* e *C. flaviceps* na morfologia dentária¹⁵²⁹, no comportamento, na pelagem, infantes das duas formas são praticamente idênticos na aparência, nas vocalizações^{1392,1393} e a descoberta de grupos selvagens de híbridos em Carangola, Minas Gerais⁷²⁴, reforçariam o argumento para terem o *status* subespecífico⁴⁶⁷. Porém, Ferrari *et al.*⁷¹², por meio de estudos ecológicos e comportamentais comparativos entre grupos de *C. aurita* e *C. flaviceps*, contestaram, reconhecendo duas espécies distintas. Aqui está sendo seguida a taxonomia proposta por Rylands²⁰⁰⁰, que considera *C. aurita* e *C. flaviceps* como espécies plenas.

Distribuição geográfica

Callithrix aurita é um primata endêmico ao Brasil, ocorrendo nos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, onde é residente e nativo¹⁹⁸⁵. Melo & Rylands¹³⁶³ descreveram da seguinte maneira a distribuição geográfica deste táxon: “O seu limite norte de distribuição geográfica parece ser o rio Piracicaba, em Minas Gerais, na sua foz com o rio Doce. A oeste, parece ocorrer até os limites do Espinhaço, em Minas Gerais, e nas áreas de transição com o Cerrado, em São Paulo. A leste, no Rio de Janeiro, a espécie de fato se limita às partes superiores das encostas da Serra do Mar, com exceção do sul do estado, onde *C. aurita* pode ser encontrado quase ao nível do mar. Ao norte da cidade de Campos dos Goytacazes (RJ) a espécie volta a ocorrer em áreas de meia encosta, muitas vezes inferiores a 300 m de altitude¹³⁵⁹. Seu limite sul é ainda uma incógnita, pois o grande maciço de Paranapiacaba, em São Paulo, pode abrigar populações relictuais, como ocorre com *Leontopithecus chrysopygus*¹¹⁹⁴. Aparentemente, sua distribuição avança pela margem sul do rio Tietê, sem definição exata de seu limite, que parece ser mais ecológico do que meramente geográfico^{919,1393}. A espécie é encontrada em áreas com ampla variação altitudinal de 80 a 1.375 m acima do nível do mar, mostrando grande amplitude de ocupação de *habitat*, a despeito de seu nome vulgar, que é sagui-da-serra-escuro^{290*}”.

Em 75% das observações e registros de museu relatados por Brandão & Develey²⁹⁰ e Bechara¹⁴⁹, a espécie foi encontrada em altitudes maiores que 800 metros. De qualquer modo, entre os calitriquídeos que ocorrem na Mata Atlântica, *C. aurita*, junto com *C. flaviceps*, é a espécie que habita as áreas com condições climáticas mais extremas, sendo possível que o clima seja um fator limitante em sua

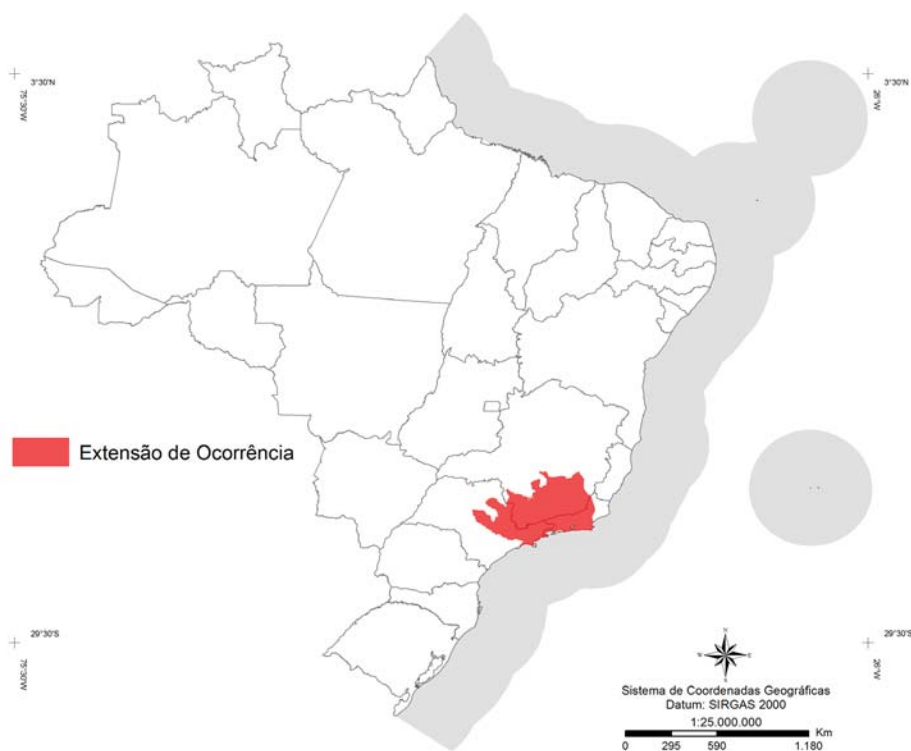


distribuição geográfica⁸⁶⁷.

A partir de estudos mais recentes, novos registros de *C. aurita* foram publicados, como noroeste do estado do Rio de Janeiro^{172,177} (D. Pereira, dados não publicados) e enclaves de Cerrado no estado de São Paulo e também nas áreas sul e sudeste de Minas Gerais¹⁴⁹. É preciso uma maior amostragem no limite sul da distribuição que ainda não está definido. Portanto, regiões como o grande maciço de Paranapiacaba e a margem sul do rio Tietê, em São Paulo, são locais com potencial de ocorrência deste táxon¹³⁶³.

A distribuição atual do táxon está reduzida em relação à sua área de ocupação ou extensão de ocorrência histórica. Além disto, continua havendo perda de *habitat* (relatório SOS Mata Atlântica) e a população como um todo vem sendo afetada por espécies invasoras.

De acordo com Bechara¹⁴⁹, a extensão de ocorrência (EOO) da espécie foi calculada, pelo método α -hull, em 140.393 km² e sua área de ocupação (AOO) foi calculada pelo método do *habitat* remanescente em 4.990,7 km²⁽¹⁴⁹⁾. Este estudo apontou uma redução de 5.415 km² na AOO da espécie, aproximadamente 43% em 18 anos. Para isso foram utilizados as AOO do mapeamento de 1990 (10.406,499 km²) e a AOO do mapeamento 2008 (4.990,7 km²)¹⁴⁹.



História natural

Callithrix aurita habita floresta estacional semidecidual, floresta ombrófila densa, frequentemente com abundância de bambus, e pode ocorrer em uma ampla variação altitudinal de 80 a 1.350 m acima do nível do mar^{290,1630}. O táxon não é restrito a *habitat* primários e apresenta tolerância a modificações/perturbações no ambiente, exceto à introdução de congêneres.

Geralmente, há apenas uma fêmea reprodutiva, embora tenham sido observados casos de duas fêmeas reproduzindo no mesmo grupo⁵⁰¹. *Callithrix aurita* pode estabelecer simpatria com outras espécies de primatas, como os do gênero *Cebus* e *Callicebus*^{1359,1504}, porém não há registro de simpatria com as outras formas de *Callithrix*²⁴⁰², à exceção dos casos de invasão biológica^{290,410,1707,1960,1973}.

Como todos os calitriquídeos, *C. aurita* é um insetívoro-frugívoro-gomívoro, incluindo em sua dieta até mesmo uma espécie de fungo encontrado em bambu⁵⁰³. Muskin¹⁵⁰⁴ e Brandão & Develey²⁹⁰ insistem



na alta insetivoria da espécie, destacando que a presença da mesma em fragmentos florestais de pequena área deve-se à grande disponibilidade de insetos em emaranhados de cipós e lianas. Muskin¹⁵⁰⁴ não havia observado, em seus estudos, consumo de frutos, flores ou exsudatos, somente de insetos; todavia, provavelmente a não observação de um comportamento alimentar mais similar às demais espécies do gênero se deve à vegetação pujante do seu *habitat* e à dificuldade em observar os animais devido ao padrão críptico do pelame da espécie⁴⁸¹. Martins¹³⁰⁶ destaca o comportamento oportunista da espécie, ao descrever um grupo de *C. aurita* alimentando-se de presas afugentadas por formigas de correição. Martins & Setz¹³⁰⁴ detalham a dieta deste mesmo grupo com 4 indivíduos, evidenciando ampla gama de espécies arbóreas utilizadas pelos saguis, por produzirem exsudatos (50,5% dos itens alimentares foram representados por gomas ingeridas), além de presas animais (38,5%), como invertebrados, rãs, lagartos e ninhegos.

A área de vida do táxon é estimada em 11 ha¹⁵⁰⁵; 17 ha - Faz. Barreiro Rico, Anhembi²²⁹⁵; 35,3 ha – PE da Serra do Mar (Núcleo Cunha)⁵⁰³, 39,9 ha - ESEC de Bananal, Bananal²⁹¹, dados para São Paulo, e 16,5 ha¹³⁰⁵ para Minas Gerais.

História de vida

Maturidade sexual	
Fêmea	1 a 1 ano e 3 meses (para o gênero) ²¹⁶⁸ .
Macho	1 ano (para o gênero) ²¹⁶⁸ .
Peso adulto	
Fêmea	400-450 gramas ⁸¹³ .
Macho	
Comprimento adulto	
Fêmea	cabeça-corpo 220 a 230 mm (n = 2), cauda 280 a 350 mm (n = 9) ²⁴⁰² .
Macho	
Sistema de acasalamento	
Multimacho-multifêmea ¹⁵⁰⁵ ; Poligínico ^{503,523} .	
Razão sexual	
Desconhecida para a espécie.	
Intervalo entre nascimentos	
<5 meses ⁷¹² ; 154 a 162 dias (para o gênero) ^{1967,2257} .	
Tempo de gestação	
4,7 a 5 meses (para o gênero) ¹⁹⁶¹ .	
Tamanho da prole	
Gêmeos (para o gênero) ²²⁰³ .	
Longevidade	
Em cativeiro, o tempo médio de vida de <i>C. jacchus</i> é de cinco a sete anos, com um máximo de 16 a 17 anos ²²⁵⁶ .	
Tempo geracional	
6 anos ¹⁰⁰¹ .	



Características genéticas

Cariótipo: (22n = 46)¹⁵⁰⁹.

Informações sobre variabilidade genética do táxon (padrões filogeográficos e relações filogenéticas): A caracterização do cariótipo da família Callitrichidae tem sido realizada por diversos autores. Embora numerosos, estes trabalhos não explicam as relações filogenéticas entre os táxons¹⁵¹⁰. Nagamashi *et al.*¹⁵⁰⁹ concluíram que as cinco espécies estudadas do gênero *Callithrix* (à exceção de *C. flaviceps*) são extremamente homogêneas quanto aos cariótipos, exceto pelo tamanho e morfologia do cromossomo Y. As análises moleculares também demonstram que a divergência genética no gênero *Callithrix* é pequena^{2054,2244}. No entanto, Moreira¹⁴⁷⁸ encontrou uma diferença no gene SRY que pode representar um possível marcador para a espécie *Callithrix aurita*. Amplificando 850 pares de base do gene SRY, foi revelada uma deleção de nove pares de base em *C. aurita*, diferente de todas as outras espécies do gênero, à exceção de *C. flaviceps*. De acordo com Schneider²⁰⁵⁴, a pequena divergência genética entre espécies do gênero *Callithrix* sugere que a especiação neste grupo é um evento muito recente. As análises realizadas evidenciam uma clara distinção de *C. aurita*, sendo esta a espécie do gênero que se separou mais cedo^{1287,2054,2080,2244}, representando um patrimônio genético diferenciado de todas as outras espécies de *Callithrix*¹⁷⁰⁹.

População

Estima-se que a população total remanescente esteja dividida em 176 subpopulações¹⁴⁹, com o número de indivíduos maduros deste táxon sendo superior a 10.000. A espécie vem sofrendo intensa redução populacional, em decorrência da perda e fragmentação de seu *habitat*, como demonstrado por Bechara¹⁴⁹, que evidenciou uma redução de aproximadamente 43% na área de ocupação da espécie em 18 anos. O declínio populacional estimado para a espécie é ainda intensificado pela existência de competição e hibridação com espécies invasoras, a exemplo de *C. penicillata* e *C. jacchus*, além de híbridos do gênero *Callithrix*. Assim, infere-se que a redução populacional das populações de *C. aurita* seja de pelo menos 50% no intervalo de 18 anos.

Callithrix aurita forma pequenos grupos em vida livre. De acordo com Muskin¹⁵⁰⁵, os grupos possuem cerca de 4 a 6 indivíduos, podendo chegar a 8, ainda que temporariamente. Torres de Assumpção²²⁹⁵ registrou com maior frequência grupos de 3 a 4 indivíduos em seu estudo na Fazenda Barreiro Rico no município de Anhembi (SP), limite oeste da distribuição da espécie; Coimbra-Filho⁴⁸¹ registrou grupos de 2 a 6 indivíduos; Stallings & Robinson²¹⁹⁸ apontaram até 5 indivíduos, sendo a espécie pouco abundante em todos os locais onde foi observada. Já Corrêa *et al.*⁵⁰¹ observaram grupos maiores, de 6 a 11 indivíduos. Mais recentemente, Pereira¹⁷⁰⁹ registrou grupos de 2 até 5 indivíduos e Oliveira¹⁵⁶⁴, de até 10 indivíduos.

As informações sobre abundância populacional são:

São Paulo: 15 ind/km² - Fazenda Barreiro Rico, Anhembi²²⁹⁵; 20 a 23 ind/km² - PE Serra do Mar (Núcleo Cunha)⁵⁰³; 3,5 ind/km² - Fazenda São José, Rio Claro¹⁷⁹; PE Cantareira 0,51 encontros/10 km percorridos (Núcleos Águas Claras, Cabuçu, Engordador e Pedra Grande), São Paulo, Mairiporã e Guarulhos²³⁰⁹; 7,55 ind/km² - PE Serra do Mar (Núcleos Cunha e Santa Virgínia), Cunha, Natividade da Serra e São Luiz do Paraitinga¹⁵⁵⁰.

Minas Gerais: 0,02 a 0,08 ind/km² - PE Rio Doce²¹⁹⁸; 2,8 ind/km² - PE Serra do Brigadeiro⁵⁰⁶; 14,76 ind/km² - Pouso Alegre⁵¹³.

Rio de Janeiro: 1,42 ind/km², sendo 0,46 grupos/km² - PARNA Serra dos Órgãos¹⁷⁰⁹; 8,22 ind/km² - RPPN Sítio do Café e outros fragmentos em propriedades particulares¹⁵⁶⁴.

Com relação à estimativa obtida por Pereira¹⁷⁰⁹, é importante salientar que o resultado de 1,42 ind/km² corresponde à totalidade do PARNA Serra dos Órgãos. Esta unidade possui quase um quarto das áreas com *habitat* inadequados para a presença da espécie, o que significa que sua densidade populacional deve ser ainda menor. Estudos mais recentes estimaram a abundância de 12,65 grupos de *C. aurita* em todo o PARNA da Serra dos Órgãos (N. Detogne, dados não publicados), o que resultaria em 0,42 indivíduos/km², considerando a média dos maiores grupos encontrados nos trabalhos já publicados e apresentados aqui.



Tendência populacional: declinando.

Ameaças

As principais ameaças identificadas para o táxon foram: agricultura, pecuária, expansão urbana, especulação imobiliária, grandes obras e empreendimentos, atropelamentos, incêndios florestais, competição com espécies exóticas/invasoras, hibridação, desmatamento, desconexão e redução de *habitat*.

No estado do Rio de Janeiro as ameaças de competição com espécies exóticas e hibridação são consideradas bastante intensas. Com base nos estudos realizados por Pereira^{1708,1709} e Pereira *et al.*¹⁷⁰⁷, pode-se afirmar que *C. aurita* está seguramente em um estágio crítico de risco de extinção neste estado, principalmente pelo processo de invasão e instalação de *C. penicillata* e *C. jacchus* e de híbridos de *Callithrix* especialmente em unidades de conservação onde *C. aurita* também ocorre.

Para o estado de São Paulo, a situação dos riscos de hibridação e competição com espécies exóticas/invasoras também é extremamente preocupante, porém ainda não existe um diagnóstico preciso da atual situação ao longo da distribuição geográfica da espécie. Na Serra da Cantareira, invasores e híbridos estão presentes tanto no interior quanto nas áreas particulares de entorno do PE Cantareira, situação esta que não ocorria há 10 anos no interior da referida UC (M. Port-Carvalho, dados não publicados).

Ações de conservação

Existentes

A espécie está listada no Apêndice II da CITES.

Em 2010, como parte do planejamento estratégico para a conservação de espécies ameaçadas de extinção conduzido pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, a espécie está incluída no Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Mamíferos da Mata Atlântica Central – PAN MAMAC^{982,683a}, onde constam ações e programas específicos para a espécie em conjunto com outras. Um Grupo de Assessoramento Técnico, composto por mais de 20 profissionais de diversas instituições, inclusive especialistas nesta espécie, acompanha a implementação do PAN⁹⁸⁹.

Necessárias

Segundo Melo & Rylands¹³⁶³, Port-Carvalho & Kierulff¹⁷⁷⁶ e Pereira¹⁷⁰⁹, as principais recomendações para conservação da espécie são:

- Diagnósticos para criação de novas unidades de conservação, especialmente RPPNs;
- Desenvolvimento de ações de educação ambiental, onde deve-se criar ou reforçar programas de educação ambiental, apresentando a espécie nativa para as comunidades do entorno das áreas protegidas onde a espécie ocorre, demonstrando seu valor como patrimônio natural e ressaltando sua endemidade; Realização de treinamento de agentes ambientais em diversas esferas para evitar a soltura inadequada de animais exóticos e ou invasores;
- Criação e implementação de um Programa de Conservação e Manejo em Cativeiro;
- Desenvolvimento de Planos de Ações em nível Federal e Estadual.

Além destas, novas buscas devem ser realizadas em áreas de ocorrência da espécie, a fim de encontrar populações livres da presença de saguis invasores. Recomenda-se o estabelecimento de ações voltadas para o controle de espécies exóticas na área de distribuição da espécie, particularmente no interior e entorno de unidades de conservação, bem como para o controle dos impactos da invasão biológica, que devem ser mitigados, buscando a remoção de todos os indivíduos exóticos invasores, além dos híbridos que venham a ser encontrados, como forma de preservar o patrimônio genético de *C. aurita*.

A sociedade e órgãos de fiscalização devem ser orientados, principalmente, para não soltar nem alimentar saguis invasores, combatendo, assim, novas introduções e a manutenção dos indivíduos na região.

Através do conhecimento acumulado sobre a condição da espécie nas unidades de conservação, é possível e necessário propor estratégias para o encaminhamento de indivíduos para criação e reprodução em cativeiro. As instituições devem ser selecionadas com base na experiência adquirida na criação da



espécie, além de possuir a infraestrutura adequada para tal objetivo, com o propósito de realizar estudos controlados e de reforçar a colônia de *C. aurita* no Brasil, atualmente limitada a poucos exemplares. Essas ações servirão para manter os níveis de variabilidade genética em um patamar desejado, dando subsídios para as atividades de campo e visando o repovoamento em um futuro próximo. Estas reintroduções deverão ser priorizadas em áreas onde não tenham ocorrência de saguis invasores e onde a espécie nativa ocorra ou tenha ocorrido.

Presença em unidades de conservação

Minas Gerais: PE Rio Doce^{481,992,1981,2198}, PE Serra do Brigadeiro^{506,1628,1981}, RPPN Dr. Marcos Vidigal de Vasconcellos¹³⁵⁹;

Espírito Santo/Minas Gerais: PARNA do Caparaó¹⁴⁶⁷;

Rio de Janeiro: PARNA Serra dos Órgãos^{481,1707-1709,1981}, PE Desengano, PE Pedra Branca^{1981,1985}, PE dos Três Picos⁸²⁰, ESEC Pirai¹⁹⁸¹, RPPN Sítio do Café e outros fragmentos em propriedades particulares¹⁵⁶⁴, APA Petrópolis (oficina de avaliação), APA Estadual da Bacia do Rio Macacu (oficina de avaliação), APA Estadual de Macaé de Cima (oficina de avaliação), APA Municipal da Pedra Branca (oficina de avaliação), RPPN Fazenda Barra do Sana (oficina de avaliação), RPPN Maria Francisca Guimarães (oficina de avaliação);

Rio de Janeiro/São Paulo: PARNA Serra da Bocaina^{291,481,1981}, APA de Cairuçu (oficina de avaliação);

Rio de Janeiro/Minas Gerais: PARNA Itatiaia^{100,478,481,1219,1438,1981};

São Paulo: APA Manancias do Rio Paraíba do Sul, APA São Francisco Xavier, APA do Sistema Cantareira, Estação Experimental de Mogi-Guaçu⁴⁸¹, APA Cananeia-Iguape-Peruíbe, APA Estadual Rio Batalha, APA Estadual de Campos do Jordão, APA Estadual Jundiá, APA Estadual Marinha do Litoral Norte, ARIE Cerrado Pé-de-Gigante, ESEC Estadual de Bauru, PE de Campos do Jordão (oficina de avaliação), PE Cantareira^{481,1981}, PE Itaberaba, PE Itapetinga, PE Serra do Mar^{290,502,503,524,712,1550,1981}, Parque Natural Municipal da Serra do Itapety - Parque Natural Municipal Francisco Affonso de Mello^{1260,1594}, ESEC Estadual Bananal^{291,1985}, ESEC Valinhos¹⁹⁸¹, ESEC Estadual Itapeti, ESEC Jureia-Itatins, PE Vassununga^{1981,1985}, PE Turístico do Alto Ribeira¹⁹⁸⁵, ESEC Estadual Mogi-Guaçu^{1981,1985}, REBIO Estadual do Alto da Serra de Paranapiacaba¹⁹⁸¹, REBIO Estadual Mogi-Guaçu^{1981,1985}, RPPN Morro do Curussu Mirim (oficina de avaliação), RPPN Sítio Curucutu (oficina de avaliação);

Rio de Janeiro/São Paulo/Minas Gerais: APA Serra da Mantiqueira (oficina de avaliação).

Pesquisas

Necessárias

As principais recomendações para a conservação de *C. aurita* incluem pesquisas para o registro de outras populações em áreas de distribuição livres de espécies invasoras e em fragmentos protegidos ou não, para que se possa avaliar as chances de recuperação populacional e sobrevivência da espécie. Melo & Rylands¹³⁶³ recomendam a realização de estudos mais aprofundados sobre taxonomia e distribuição geográfica da espécie, buscando determinar de forma mais precisa o *status* específico do táxon, bem como a realização de mais estudos sobre ecologia e comportamento de outros grupos de saguis para comparação com estudos já realizados.

Dados sobre ecologia e demografia de *C. aurita* são praticamente ausentes para o estado do Rio de Janeiro e deveriam ser incentivados, preferencialmente a partir de áreas onde as populações já são conhecidas. A busca de novas populações com estimativas populacionais, além dessas estimativas em áreas de ocorrência confirmada da espécie, é necessária para futuros monitoramentos. Adicionalmente, estudos de genética de populações e de medicina da conservação são importantes para inferir o grau de variabilidade genética e de saúde da espécie.

Estudos mais aprofundados sobre a espécie nos locais já conhecidos de ocorrência. Através do conhecimento acumulado sobre a condição atual da espécie nas unidades de conservação visitadas, será possível propor estratégias para encaminhamento de indivíduos da espécie para criação e reprodução em cativeiro no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro (CPRJ) - Instituto Estadual do Ambiente (INEA),



onde já existem alguns poucos exemplares. Este encaminhamento tem o propósito de realizar estudos controlados e de reforçar a colônia de *C. aurita*, mantendo os níveis de variabilidade genética em um patamar desejado, dando subsídios para as atividades de campo e visando o repovoamento no futuro. Parte dessas recomendações já está sendo realizada, ou ao menos descrita como resultados pretendidos, no Programa de Manejo, Saúde e Conservação de *C. aurita* para o estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Callithrix flaviceps (Thomas, 1903)

Renato Richard Hilário, Daniel da Silva Ferraz, Daniel Gomes Pereira, Fabiano Rodrigues de Melo, Leonardo de Carvalho Oliveira & Mônica Mafra Valença-Montenegro

Ordem: Primates

Família: Callitrichidae

Nomes comuns: sagui-da-serra, sagui-da-serra-claro, sagui-taquara



Foto: Daniel Ferraz

Categoria de risco de extinção e critérios

Em Perigo (EN) C1+2a(i)

Justificativa

Callithrix flaviceps é endêmica da Mata Atlântica, tendo distribuição restrita e parapátrica com *C. aurita* e *C. geoffroyi*, que está ampliando sua área de ocupação e extensão de ocorrência e aumentando a competição e hibridação com *C. flaviceps*. Estes fatores somados à hibridação e competição com *C. penicillata* introduzidos e à perda e fragmentação de *habitat* pelo avanço da pecuária e agricultura levaram a um declínio populacional estimado de pelo menos 20% em duas gerações. Considerando que a estimativa do número de indivíduos maduros foi menor que 2.500 e que o número estimado de indivíduos maduros em cada subpopulação é menor que 250 em virtude da fragmentação severa, categorizou-se a espécie como Em Perigo (EN) pelos critérios C1+2a(i).

Outras avaliações

Avaliação nacional anterior ^{1364,1450}	EN C2a(i)
Listas estaduais de espécies ameaçadas ^{684,687a}	Espírito Santo: EN Minas Gerais: EN
Avaliação global ¹⁹⁸²	EN C2a(i)

Outros nomes aplicados ao táxon

Hapale flaviceps Thomas, 1903; *Hapale flaviscente* Miranda Ribeiro, 1924⁸⁷⁸.